

A ALTERNÂNCIA DOS MODOS SUBJUNTIVO/INDICATIVO COM VERBOS DE JULGAMENTO¹

Áurea Cristina Bezerra da Silva Pinho²
Francineudo Duarte Pinheiro Júnior³

Resumo

Neste trabalho, apresentaremos uma análise de ocorrências de variação entre os modos subjuntivo e indicativo com verbos que apresentam valor de julgamento em dados de fala registrados na cidade de Fortaleza. A análise quantitativa realizada foi feita sob uma abordagem funcional do estudo da língua, tendo como referencial teórico a proposta de Givón (1995). Segundo o linguista, para compreender o lugar do modo subjuntivo, é necessário, antes, compreender o lugar da modalidade *irrealis*. Isso porque o *irrealis* instaura-se no eixo comunicativo, por meio de estratégias linguísticas que propiciam o uso do modo subjuntivo. Objetivamos verificar, a partir de alguns fatores considerados como, por exemplo, idade, modalidade, dentre outros, o número de registros em que o modo indicativo assume a posição de formas do modo subjuntivo em contextos favoráveis ao uso deste. Para Givón (1995), é através da comunicação, base de sua teoria, que a modalidade é atravessada. Devido a isso, o falante encontra-se próximo à informação veiculada por ele, julgando-a. Givón atribui à modalidade a característica de marcar a atitude do falante sobre o conteúdo da informação presente em sua proposição. Esses julgamentos realizados pelo falante são denominados por Givón de submodo *irrealis*. A modalidade *irrealis* apresenta como característica a incerteza epistêmica, ou seja, a insegurança do falante em relação àquilo que fala, sendo expressa uma opinião, não um fato. Ao final da análise, chegamos à conclusão de que essa variação no uso dos modos em questão pode, com o passar do tempo, vir a ser uma mudança linguística no falar dos usuários da língua.

Palavras-chave: Indicativo. Subjuntivo. Alternância

¹ Artigo apresentado à professora Dr^a Maria Claudete Lima como requisito parcial para aprovação na disciplina de Língua: Funcionalismo ofertada pela referida professora no curso de Letras da UFC.

² Graduanda em Letras Português-Italiano e Respectivas Literaturas pela UFC. Contato: aureacristina2504@gmail.com

³ Graduando em Letras Português-Italiano e Respectivas Literaturas pela UFC. Contato: neudo.junior@hotmail.com

Introdução

Alguns estudos, no Brasil, já se detiveram sobre a temática da alternância entre o modo subjuntivo e indicativo como, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos por Carvalho (2007), em que foram verificadas ocorrências desse fenômeno na região do Cariri; a análise realizada por Neta (2000), que analisou dados orais e escritos da região de Januária, em Minas Gerais; e o estudo realizado por Pimpão (1999), com a análise de registros orais da região de Florianópolis.

Neste trabalho, apresentaremos uma análise de ocorrências de variação entre os modos subjuntivo e indicativo com verbos que apresentam valor de julgamento em dados de fala registrados na cidade de Fortaleza.

De cunho quantitativo, a presente pesquisa segue uma abordagem funcional do estudo da língua, tendo como referencial teórico a proposta de Givón (1995), segundo o qual, para compreender o lugar do modo subjuntivo, é necessário, antes, entender o lugar da modalidade *irrealis*, vez que esta modalidade se instaura no eixo comunicativo, por meio de estratégias linguísticas que propiciam o uso do modo subjuntivo.

Givón atribui à modalidade a característica de marcar a atitude do falante sobre o conteúdo da informação presente em sua proposição. Os julgamentos realizados pelo falante são denominados por Givón de submodo *irrealis*. A modalidade *irrealis* apresenta como característica a incerteza epistêmica, ou seja, a insegurança do falante em relação àquilo que fala, sendo expressa uma opinião, não um fato.

Neste estudo, objetivamos verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o uso do indicativo em contextos favoráveis ao uso do subjuntivo.

Este artigo encontra-se dividido em três seções. Na seção *Metodologia*, faremos a descrição do processo empregado para análise dos dados obtidos; na seção *Análise e Discussão dos Resultados*, apresentaremos os dados e suas respectivas considerações e, por último, na seção *Considerações Finais*, refletiremos sobre o estudo realizado e os resultados alcançados com o mesmo.

1. Metodologia

Em nossa análise, utilizamos como *corpus* uma amostra do PORCUFORT, Português Oral Culto de Fortaleza, organizado por José Lemos Monteiro. Trata-se de um corpus

coletado na década de 80 e organizado nos moldes do NURC – Norma Urbana Culta, dividido em três tipos de inquérito: D2 (Diálogo entre Dois Informantes), DID; três faixas etárias: faixa etária I (25 a 35 anos); faixa etária II (36 aos 55 anos); faixa etária III (acima de 55 anos).

A amostra foi constituída por dois inquéritos (nº 20 e nº 23) do tipo diálogo entre informante e documentador, DID. Os informantes são do sexo feminino, fortalezenses, filhas de pais fortalezenses e têm nível superior. A informante do inquérito nº 20 pertence à faixa etária I (32 anos), já a outra informante, cujos registros encontram-se no inquérito nº 23, também pertence à faixa etária III (67 anos).

Inicialmente, analisamos os inquéritos buscando ocorrências em que houvesse verbos com ideia de julgamento como, por exemplo, achar, acreditar, dentre outros, em orações principais de orações subordinadas substantivas objetivas diretas, verificando se, na oração subordinada, o verbo presente se encontrava no modo subjuntivo ou indicativo.

Em seguida, individualizamos e analisamos cada ocorrência, categorizando de acordo com as variáveis consideradas, a saber: tipo de verbo, modalidade na oração subordinada, tempo verbal na oração principal, modo verbal na oração subordinada e idade.

Por fim, fizemos a comparação e o cruzamento dos dados obtidos, usando como suporte o software *SPSS - Statistical Package for the Social Sciences*, programa que dá frequências simples e faz cruzamento de variáveis, entre outras funções. Os resultados serão descritos na seção seguinte.

2. Análise e Discussão dos Resultados

Dividimos esta análise em duas partes. Inicialmente, apresentaremos a análise dos dados de frequência simples e, em seguida, discutiremos os resultados do cruzamento dos dados, que avalia a influência de uma variável sobre outra.

2.1. Análise das frequências simples

a) Tipo de verbo na oração principal

Essa variável permitiu identificar, dentro dos inquéritos analisados, os verbos de julgamento mais recorrentes na fala das informantes, como mostra a seguinte tabela:

Tipo de verbo	Frequência	Percentual (%)
Achar	27	73
Considerar	1	2,7
Acreditar	4	10,8
Parecer	5	13,5
Total	37	100

Tabela 1: Ocorrências dos verbos de julgamento mais salientes nos inquéritos analisados.

Percebe-se que o verbo achar apresenta o maior percentual de ocorrência, 73%, sendo o mais utilizado, dentro do *corpus* analisado, para expressar o julgamento do falante. Os outros verbos, parecer, acreditar e considerar apresentaram um número menor de ocorrências, sendo pouco recorrentes para expressar o julgamento.

b) Tempo verbal na oração principal

Com a análise dessa variável, pretendíamos observar em quais tempos verbais se encontravam os verbos na oração principal. Adiante, quando analisarmos os cruzamentos entre essa variável e a variável modo na oração subordinada, veremos se o tempo verbal na oração principal colabora para o aparecimento do subjuntivo/indicativo na oração subordinada. A tabela 2, a seguir, mostra os principais tempos encontrados nas ocorrências analisadas:

Tempo verbal na oração principal	Frequência	Percentual (%)
Pretérito Perfeito do Indicativo	1	2,7
Presente do Indicativo	36	97,3
Total	37	100

Tabela 2: Tempos verbais dos verbos de julgamento presentes nas orações principais das ocorrências analisadas.

Nota-se que o presente do indicativo predomina nas ocorrências com 97,3%, sendo mais utilizado pelas informantes para expor suas opiniões. Talvez esse fenômeno se justifica pelo fato de o julgamento ser feito em tempo presente, ou seja, o valor de incerteza, de julgamento, ser apresentado naquele momento, como no exemplo a seguir:

- (1) Eu **acho** que às vezes **é** por isso que a derrota dói tanto. (PORCUFORT, DID.20, p.25)

c) Modalidade na oração subordinada

Esta variável objetivava verificar se as proposições expressavam um fato, modalidade *realis*, ou uma opinião, modalidade *irrealis*. Eis os resultados obtidos:

Modalidade na Oração Subordinada	Frequência	Percentual (%)
<i>Realis</i>	1	2,7
<i>Irrealis</i>	36	97,3
Total	37	100

Tabela 3: Modalidade presente nas orações principais das ocorrências analisadas.

Em 97,3% das ocorrências analisadas, a modalidade é *irrealis*, demonstrando, assim, uma opinião por parte das informantes, exemplificado na frase (3). Somente em uma ocorrência, que representa apenas 2,7% das ocorrências, a modalidade é *realis*, na qual é apresentado, pelo falante, um fato, exemplificado na frase (2).

(2) ...e na ocasião **achei** muito interessante um um rapaz que **era** acadêmico de medicina. (PORCUFORT, DID.23, p.2)

(3) eu **acho** que é frustrante pra qualquer jogador sinceramente que chega lá e perde um pênalti. (PORCUFORT, DID.20, p.20)

d) Modo verbal na oração subordinada

Nessa variável, procuramos verificar a variação entre o modo subjuntivo e indicativo nas orações subordinadas das ocorrências analisadas, ressaltando que, nas orações principais, há verbos de julgamento. Vejamos a tabela que sumariza os resultados obtidos:

Modo Verbal na Oração Subordinada	Frequência	Percentual (%)
Indicativo	35	94,6
Subjuntivo	2	5,4
Total	37	100

Tabela 4: Modo verbal nas orações subordinadas das ocorrências analisadas.

Vê-se que, de modo notório, o modo indicativo é predominante nas orações subordinadas, assumindo a posição que seria de formas do subjuntivo de acordo com a Gramática Tradicional, que prevê o uso do modo subjuntivo em contextos que apresentem certo grau de incerteza sobre a realização do evento.

Constata-se que, nos registros de fala, a prescrição realizada pela GT não se realiza, pois 94,6% das ocorrências registraram o modo indicativo na oração subordinada, como no exemplo a seguir:

(4) ... mas **acho** que ele **é** cientista. (PORCUFORT, DID.23, p.16)

(5) **NÃO** é porque eu **acho** que ela **/ta** com um futebol me**LHOR**... sabe?...(PORCUFORT, DID.20, p.12)

Já o modo subjuntivo foi registrado em 5,4% das ocorrências, mostrando sua pouca utilização no contexto já descrito. Uma das ocorrências em que houve utilização desse modo foi a seguinte:

(6) que eu **acredito** que quando eles **fizerem**... sabe? (PORCUFORT, DID.20, p.8)

e) Idade

Adiante, com o cruzamento dessa variável com o modo, verificaremos se a idade influencia o uso do modo indicativo ou subjuntivo na oração subordinada. Aqui mostraremos apenas a quantidade de ocorrências apresentadas pelas informantes. Vejamos:

Faixa Etária	Frequência	Percentual (%)
Faixa etária 1	29	78,4
Faixa etária 3	8	21,6
Total	37	100

Tabela 5: Quantidade de ocorrências de acordo com a faixa etária.

Dentre um total de 37 ocorrências, 29 foram encontradas nos registros de fala da informante de faixa etária 1, e 8 ocorrências foram encontradas nos registros da informante de faixa etária 3.

Realizada a exposição das frequências simples, faremos agora uma análise dos cruzamentos realizados com o intuito de verificar se as hipóteses levantadas se confirmam.

2.2. Análise do cruzamento de variáveis

a) Tipo de verbo e modo na oração subordinada

Nesse cruzamento, tínhamos como objetivo verificar se algum verbo específico favorecia o uso do modo subjuntivo na oração subordinada, bem como quantificar as ocorrências em que as orações principais que continham os verbos em questão apresentavam uma subordinada no modo subjuntivo ou indicativo. Vejamos uma tabela que resume a análise:

Tipo de verbo	Modo verbal da oração subordinada		Total
	Indicativo	Subjuntivo	
Achar	27	-	27
Considerar	1	-	1
Acreditar	2	2	4
Parecer	5	-	5
Total	35	2	37

Tabela 6: Relação entre o tipo de verbo na oração principal e o modo verbal na oração subordinada.

Por meio dessa tabela, vemos que, dentro do *corpus* analisado, os quatro verbos apontam para a ocorrência do modo indicativo na oração subordinada. Os verbos achar, considerar e parecer não apontam nenhuma ocorrência do modo subjuntivo, já o verbo acreditar aponta 2 ocorrências do modo subjuntivo em suas orações subordinadas e apenas 2 ocorrências do modo indicativo.

A partir desses dados, podemos concluir que, dentre os verbos de julgamento em análise, achar, considerar, parecer e acreditar, este último favorece tanto o uso do modo subjuntivo como o do modo indicativo na oração subordinada, como prescreve a GT, pois 50% das orações subordinadas, cuja principal apresenta o verbo acreditar, apresentam os modos subjuntivo e indicativo.

Essa ocorrência se dá pela motivação que há na fala da informante, vejamo-las:

(6) que eu **acredito** que **quando eles fizerem...** sabe? (PORCUFORT, DID.20, p.8)

(7) por outro lado eu **acredito** naquela questão seguinte que **quando chega** a hora num tem por onde... sabe? (PORCUFORT, DID.20, p.5)

(8) eu **acredito** que ela **num vá** moRRER assim...(PORCUFORT, DID.20, p.8)

(9) **...acredito** que isso eh eh **tem** que ser um negócio assim. (PORCUFORT, DID.20, p.17)

Analisando essas ocorrências, constatamos que o advérbio *quando* favorece o uso tanto do modo subjuntivo quanto o do modo indicativo nos contextos apresentados nos exemplos 6 e 7. Na ocorrência (6), o advérbio *quando* favorece, no contexto, o uso do futuro do subjuntivo. Na ocorrência (8), percebemos que, quando o verbo acreditar se encontra na oração principal e na oração subordinada há uma negação, há uma tendência de uso do modo subjuntivo.

b) Faixa etária e modo verbal da oração subordinada

Na análise desse cruzamento, pretendíamos verificar se a faixa etária influencia o uso do modo indicativo ou subjuntivo na oração subordinada. Os resultados estão ilustrados na tabela 7.

Faixa etária	Modo verbal da oração subordinada		Total
	Indicativo	Subjuntivo	
Faixa etária 1	27	2	29
Faixa etária 3	8	-	8
Total	35	2	37

Tabela 7: Relação entre faixa etária e o modo verbal na oração subordinada.

Notamos que a faixa etária não é um fator que influencia o uso dos modos em questão nas orações subordinadas quando se tem um verbo de julgamento na principal. Vemos que, quando temos esse ambiente linguístico, há somente duas ocorrências de modo subjuntivo, que se encontra no registro de fala da informante de faixa etária 1. Essas ocorrências são as que envolvem o verbo *acreditar* e que foram já analisadas no cruzamento anterior. Dessa forma, concluímos que ambas as faixas etárias analisadas utilizam o modo indicativo nas orações subordinadas em 94,5% dos casos, e somente em 5,5% dos casos supracitados do verbo *acreditar*, há o uso do modo subjuntivo.

c) Modalidade presente na oração subordinada e Tempo verbal da oração principal

Neste último cruzamento, verificamos se a modalidade *irrealis*, que carrega a incerteza epistêmica do falante, influencia o uso do modo subjuntivo nos registros de fala coletados. Os resultados estão resumidos na tabela 8, a seguir.

Modalidade presente na oração subordinada	Modo verbal da oração subordinada		Total
	Indicativo	Subjuntivo	
<i>Realis</i>	1	-	1
<i>Irrealis</i>	34	2	36
Total	35	2	37

Tabela 8: Relação entre modalidade presente na oração subordinada e o modo verbal presente na oração subordinada.

Nota-se que, na única ocorrência de modalidade *realis*, há o uso do modo indicativo. A ocorrência dessa modalidade se deu pelo fato de a informante de faixa etária 3 ter expressado um fato, cuja ocorrência foi descrita no exemplo (2).

O que nos chama mais atenção é o fato de a modalidade *irrealis*, da incerteza epistêmica, não apresentar o maior número de usos do modo subjuntivo, como já dito anteriormente, prescrito pela GT, mas a ocorrência maior de usos do modo indicativo, portanto, a modalidade *irrealis*, dentro do *corpus* analisado, em dados de fala em que as informantes expressam uma opinião, não contribui para o uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas.

Considerações Finais

Em nossas análises, verificou-se que, em registros de fala, os verbos de julgamento aqui analisados, achar, acreditar, parecer e considerar, quando se encontram em orações principais, projetam o uso do modo indicativo na oração subordinada, diferentemente do que é prescrito pela GT.

Em sua grande maioria, os dados apresentavam os verbos de julgamento no presente do indicativo, já as informantes expressavam opiniões, apresentando a modalidade *irrealis*. Notamos também que o verbo acreditar foi o único que registrou, nos dados de fala da informante de faixa etária 1, a possibilidade de uso dos dois modos, o que merece investigação posterior com maior número de dados.

Um dado que chamou a nossa atenção foi o fato de a incerteza epistêmica, representada pela modalidade *irrealis*, não ser representada pelo modo subjuntivo nos dados de fala analisados, e sim pelo modo indicativo, mais um dado que vai de encontro à prescrição normativa.

Quanto à análise dos dados, em geral, conclui-se que o uso do modo indicativo em contextos de alternância indicativo/subjuntivo é muito recorrente, o que parece apontar para um uso cada vez mais generalizado do modo indicativo e o conseqüente desuso do subjuntivo, como já preconizava Camara Jr. (2004).

Esperamos com esse trabalho colaborar com os estudos na perspectiva funcional, que observa as variações nos usos da língua oral, percebendo que os falantes, nas interações comunicativas, nem sempre seguem regras prescritas pela gramática normativa.

Referências

CAMARA JR, J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CARVALHO, H. M. de. *A alternância indicativo/subjuntivo nas oraçõessubstantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

NETA, A. A. *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo noportuguês brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

PIMPÃO, T. S.. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999b.